

JUVENAL GALENO

MATOS PEIXOTO

I — No ano de 1836 governava o Império o Regente Padre Diogo Antônio Feijó e presidia a Província do Ceará outro sacerdote, já então senador, o Padre José Martiniano de Alencar, pai do seu homônimo, nascido sete anos antes e marcado para ser o nosso primeiro romancista de síntese.

No dia 27 de setembro daquele ano de 1836, precisamente há 117 anos menos um dia, nasceu em Fortaleza uma criança também sob o signo de um destino ilustre nas letras pátrias. Filho legítimo de José Antônio da Costa e Silva, agricultor, e de D. Maria do Carmo Teófilo e Silva, essa criança veio a chamar-se Juvenal da Costa e Silva.

Sendo Juvenal o único filho varão, o pai viu nêle o seu substituto natural na direção dos trabalhos agrícolas e, obedecendo a êsse pensamento, forneceu-lhe, quando êle ainda era adolescente, recursos para visitar a metrópole e estudar de visu a cultura cafeeira no Estado do Rio.

Uma vez nesta Capital, Juvenal preferiu à cultura do café a cultura das letras, que era a sua verdadeira vocação. As circunstâncias conspiraram para favorecê-lo. Cartas de Rufino José de Almeida, velho amigo do seu pai, que estivera

Conferência proferida na sede da Federação das Academias Brasileiras de Letras, em 26 de setembro de 1953.

em Fortaleza e então residia em Recife, recomendaram Juvenal a Francisco de Paula Brito, livreiro e literato, que escreveu drama, cenas cômicas e traduziu em quadras rimadas os libretos das óperas italianas **Norma e Puritanos**.

A casa de Paula Brito era um dos pontos de reunião de homens de letras; aí conheceu Juvenal a Machado de Assis, Quintino Bocaiúva e outros escritores. Vivendo nesse ambiente saturado de literatura, decerto Juvenal sentiu o impulso de produzir e começou a publicar poesias na **Marmota Fluminense**, que se editava na tipografia de Paula Brito e em que colaboravam Teixeira e Sousa, Macedo e outros. Creio que essas poesias já eram assinadas por Juvenal Galeno, sobrenome literário do autor.

2 — Forçado pelas instâncias da família a regressar ao Ceará, êle enfeixou as poesias esparsas em volume impresso aqui no Rio, em 1856, com o título de **Prelúdios Poéticos**, que conheço através de excertos colhidos no ensaio vibrante de Freitas Nobre sobre o **Criador da Poesia Popular**, publicado em 1939, em homenagem a Juvenal Galeno.

Nessa época a literatura cearense era assaz escassa. Segundo vejo no grande livro de Dolor Barreira sobre a história dessa literatura, os seus primeiros balbucios datam de 1813 com os **Oiteiros**, que eram saraus literários realizados no palácio do Governador Manuel Inácio de Sampaio, homem inteligente e culto, dado tanto às armas como às letras. Nessas reuniões congregavam-se os "Árcades do Ceará", que se exercitavam sobretudo na ode pindárica e nos sonetos.

Em 1824 surgiu o primeiro jornal cearense, o "Diário do Governo do Ceará" (era então o govêrno revolucionário de Tristão Gonçalves), do qual era redator o Padre Gonçalo Inácio de Albuquerque Mororó, fuzilado em 1825, na Praça que depois se chamou dos Mártires, por sua atuação relevante na adesão do Ceará à Confederação do Equador.

No período de 1824 até 1849 surgiram no Ceará mais trinta e sete jornais, em grande maioria partidários e escri-

tos em linguagem virulenta. Seguiu orientação diferente, além de alguns jornaizinhos humoristas e críticos, o "Pedro II", aparecido em setembro de 1840, e "O Cearense", fundado em 1846, no qual se publicaram estudos sobre climatologia, finanças, estatística e arboricultura.

Até 1849 a vida literária propriamente dita achava-se, no dizer de Antônio Sales, em estado de nebulosa, no espírito cearense. Sulcavam-na, porém, constantemente, línguas de fogo da imprensa partidária, apaixonada, desabrida e, por vezes, escandalosa.

Nesse mesmo ano de 1849 apareceu o "Sempre-Viva", jornal destinado ao belo sexo e dedicado exclusivamente à literatura e do qual se disse que serviria de desenfado e desfastio à luta constante dos partidos.

Outras manifestações literárias:

a) em 1850, as **Impressões Poéticas**, do maranhense Frederico José Correia e **Os meus primeiros cantos**, do jovem pernambucano Manuel de Sousa Garcia, que seguiu a carreira da magistratura, em cujo desempenho se houve com dignidade impertérrita, desde os cargos menores até o de desembargador do Tribunal da Relação do Estado, onde a morte o surpreendeu;

b) em 1851, as **Cartas de Braz Pitorra à sua sobrinha Inês Sensata**, que eram aljavas donde saíam "setas ervadas de zombaria rimada", desferida por Pedro Pereira da Silva Guimarães, que foi deputado geral e como tal se recomendou à posteridade pelos seus projetos tendentes a estabelecer, vinte anos antes da grande lei de Rio Branco (1871), a liberdade dos nascituros e a emancipação progressiva dos escravos;

c) em 1855 os **Alforjes**, folhetins muito jocosos, no dizer de Studart, também devidos à pena de Pedro Pereira; e

d) em 1856, "O Sol", fundado por êste, o qual se apresentava como jornal literário, político e crítico e, ainda no dizer de Studart, era a mais exuberante manifestação do gênio erismo e polemista do seu criador.

3 — Os **Prelúdios Poéticos**, de Juvenal Galeno, publicados nesse mesmo ano, eram poesias de um gênero novo, em que o autor começava a cantar as cousas da terra cearense.

Numa das poesias êle canta a ledice da infância, na serra da Aratanha e o despertar ante a realidade brutal da luta pela vida em solo estranho.

São bem expressivos êstes versos:

Foi tão belo êsse tempo e venturoso,
Êsse tempo infantil de puro sonho,
De meigas ilusões e de inocência!
Morava numa serra em leda estância,
Em térreo paraíso onde a natura
Pródiga semeou magas belezas!
Mais adiante vem o desencanto:

De minha vida as flôres orvalhadas

Murcharam... e as pétalas que caem
Dos ventos à mercê, foram voando!
Foi negro o despertar! Um solo estranho
Pisava sem ventura errante e triste!

Continuam os versos na toada dolente e romântica, como era de uso na época.

Na **Canção do Jangadeiro** já desponta, mais acentuado, no jovem poeta, o gênero que havia de imortalizar-se o nome:

Rema, rema jangadeiro
Vai tua espôsa abraçar

.....

Mas hoje graças a Deus
Fôste feliz no pescar,
Vai ver a espôsa e os filhos,

Vai contente os abraçar;
Rema, rema jangadeiro,
Pobrezinho aventureiro.

4 — Três anos depois (4 fev. 1859) desembarcava em Fortaleza, de bordo do "Tocantins", a Comissão Científica nomeada pelo Governo para explorar o interior das províncias do Norte e fazer coleções de produtos naturais para os museus (lei 884, de 1-19-856) e que o povo chamava pitorescamente **comissão das borboletas**, decerto porque era mais visível a sua atividade na captura desses lipidópteros. O sarcasmo popular punia assim o sacrifício das inocentes...

A Comissão distribuía-se em quatro secções sob a presidência de Freire Alemão; botânica, chefiada por êle, Zoologia, Ferreira Lages; Geologia, chefiada por Capanema, astronomia, por Raja Gabaglia; e etnografia, por Gonçalves Dias.

Este último, que até 1854 havia publicado as suas obras fundamentais, já era então consagrado como o corifeu do indianismo. Visitou-o Juvenal Galeno e dêle recebeu (informa Antônio Sales) o conselho de procurar no povo e na terra a matéria dos seus versos.

Do contacto de Juvenal Galeno com Gonçalves Dias resultou um episódio que despertou no primeiro a veia sarcástica.

Juvenal era então alferes da Guarda Nacional e como tal devia comparecer a uma revista do seu batalhão: estava, porém, convidado para na mesma hora tomar parte num almôço em que os comensais seriam Gonçalves Dias, Tomaz Pompeu e Silva Coutinho (ajudante da secção de geologia).

Juvenal Galeno preferiu o almôço à revista; daí a pena disciplinar de seis dias de prisão no Estado-Maior, por ordem do Comandante da Guarda Nacional, João Antônio Machado, que também era cearense.

Esta detenção, que ao vate pareceu sumamente injusta, provocou-lhe tremenda indignação, vazada no poemeto fantástico. A Machadada, impresso em 1860.

A sátira candente começa assim:

“Eu canto a tremebunda machadada,
Que o chefe tolo e nêscio da Brigada,
De parada da lua, em velhas eras,
Deu nas cismas d’um bardo, nas quimeras
Do soldado cantor.”

5 — O ano de 1861 assinala duas produções literárias de Juvenal Galeno:

a) O drama intitulado **Quem com ferro fere, com ferro será ferido**. O enredo é simples. O Tenente Amorim, delegado de polícia numa localidade do interior, forma o projeto criminoso de raptar e possuir uma jovem noiva (Maria) e, para realizar êsse propósito, manda os seus subordinados amarrarem-lhe o pai (Luís) e levarem como recrutas o irmão de Maria (Amâncio) e o noivo (Francisco). Eis senão quando o tenente delegado recebe do pai uma carta rogando-lhe socorro urgente para impedir que o delegado do lugar onde êle mora faça com a sua filha o que o tenente pretendia fazer com a filha de Luís. O tenente manda desamarrar Luís, chora lágrimas de arrependimento e exclama: lembrai-vos sempre de que neste mundo quem com ferro fere com ferro será ferido.

b) **Porangaba**, poemeto, no gênero indianista, em quinze cantos. Uma lenda que um caboclo contou a Juvenal e que êste versejou.

“Porangaba” (beleza) era uma formosa índia de tribo tabajara, estabelecida à margem da lagoa de Arronches, distrito de Fortaleza. Um dia apareceu na aldeia um português, cuja estrêla o guiou para a tejupaba do pai de Porangaba, que recebeu hospitaleiramente o estrangeiro (emboaba) e, como era de costume, lhe entregou a filha virgem para pernoitar com êle.

Decorrem três anos. Nesse entretanto, havendo Pirauá, um dos guerreiros da tribo, praticado famosas proezas em

combate, em recompensa foi-lhe dada para mulher a linda tabajara.

Junto ao seu robusto espôso (são palavras de Juvenal no prólogo do poemeto) ela parecia a florinha emurchecida pelos raios abrasantes do sol do verão, perto do virente e majestoso ipê da montanha. Assim foi na festa nupcial, ao som dos membis e memurés, e depois, durante a vida plácida, na tejupaba. Uma noite, voltando Pirauá da caça, não encontrou Porangaba. Aflito, empunha o tacape e sai a procurá-la entre as moitas do tabuleiro. Ouve então uma toada desconhecida e, avizinhandose ao cantor, nêle reconhece o emboaba que fôra hóspede do pai de Porangaba. Acompanha-o imperceptivelmente e o vê aproximar-se da lagoa. Porangaba, que se encontrava sentada num tronco à margem da vereda e mergulhada em profundo cisma, ao ouvir a toada do luso estremece e corre-lhe ao encontro. Trava-se um diálogo de amor e Porangaba entrega-se ao emboaba. Irrompe Pirauá vibrando o tacape. O português defende-se com o punhal, mas sucumbe.

O adultério era punido com a pena de morte entre os tabajaras. Era a lei de Tupã, que foi cumprida, crivando-se de flexas o corpo de Porangaba, amarrada ao cajueiro com uma mussurana. Para perpetuar a memória da punição, deu-se o nome da infeliz à lagoa que desde êsse dia ficou sendo chamada Lagoa da Porangaba, que é também o nome da localidade.

Sendo relativamente longo o poemeto, direi apenas as últimas estrofes:

.....

E desde o dia desta cena horrenda,
No lago o nome da infeliz ficou;
E alta noite, quando geme o vento
Em suas margens mais ninguém passou

.....

E alva miragem de cabelos soltos
Suspira e chora, vem depois cantar
Sentida trova que repete o eco,
Qual um gemido de cruel penar.

E findo o canto desaparece a imagem,
Talvez na selva a suspirar s'esvai;
Soluça a brisa na tremenda linfa,
Da flor o pranto sôbre a fôlha cai.

6 — Em 1865 atinge Juvenal Galeno a culminância da glória literária, publicando as **Lendas e Canções Populares**.

Acresceram as poesias de 1866 e 1872 publicadas em janeiro e fevereiro dêste último ano na revista dominical "Lira Cearense" (n^{os} 1-8), sob o título **Lira Popular** — "Novas Lendas e Canções". Em seguida a revista tornou-se mensal e publicou em março daquele ano poesias sob o título **Lira Americana** "Ecos Silvestres" (inclusive o poemeto **Porangaba**) e em abril outras poesias sob o título **Lira Íntima** "Fôlhas do Coração". As páginas dessa revista foram reunidas, no mesmo ano de 1872, em volume com o título "Lira Cearense" e subtítulo **Poesias Populares — Americanas e Íntimas**.

As **Lendas e Canções Populares** tiveram em 1892 segunda edição, aumentada com as **Novas Lendas e Canções**, em que se compreendem quase tôdas as poesias sob êsse título publicadas na pré-mencionada revista.

Nas canções de cunho popular e regionalista Juvenal Galeno explorou a fundo êsse gênero poético, como ninguém ainda tinha feito. Decerto êle teve precursores nesse particular. Sílvio Romero aponta o mineiro João Salomé de Queiroga que escreveu poesias de caráter popular e descritivo, anteriores a Juvenal.

Mais remotamente encontramos o carioca Domingos Caldas Barbosa (1748-1800), com a **Viola de Lereno**, o qual tinha nas veias sangue das três raças, pois era filho de português e mameluca. Era, portanto, mestiço e isto era um pe-

sado **handcap** social naquela época; mas Caldas Barbosa, que, no Brasil foi soldado e em Portugal foi padre, neutralizava êsse **handcap** a golpes de talento, que nêle era enorme. A mestiçagem, que os seus adversários, entre os quais sobressaía Bocage, lhe lançavam em rosto, não o incomodava e deu-lhe mesmo motivo para improvisar esta quadrinha, dirigida ao seu patrício e colega Pe. Sousa Caldas:

“Tu és Caldas, eu sou Caldas;
Tu és rico e eu sou pobre;
Tu és o Caldas de prata;
Eu sou o Caldas de cobre”.

Caldas Barbosa, se não era um padre gaiato, era pelo menos um padre alegre; compôs modinhas que êle cantava ao som da viola, em Lisboa, em tertúlias da associação literária **Nova Arcádia**, de que fazia parte, com o nome de **Lereno Selinuntino**.

Essas modinhas eram na mor parte cantigas de cunho plebeu e muitas delas repetem-se anônimas, às vezes trunca-das, às vezes ampliadas, em algumas províncias do Norte. Não se devem, entretanto, observa Sílvio Romero, confundir com a genuína poesia popular.

As canções de Juvenal Galeno são diferentes. Êle mesmo diz no prólogo das **Lendas e Canções** que reproduziu e ampliou canções populares, a fim de representar o povo tal qual é na sua vida íntima e social e, para atingir êsse objetivo, serviu-se da toada das suas cantigas, da sua linguagem, do seu dialeto, das suas imagens, da sua metrificação e, às vezes, dos seus próprios versos.

Esclarece ainda o bardo cearense que procurou primeiro conhecer o povo e identificar-se com êle; que o acompanhou passo a passo no seu viver nos campos e povoados, no sertão, na praia e na montanha, ouviu e decorou seus cantos, suas queixas, suas lendas e profecias; conheceu seus usos, costumes e superstições e depois escreveu o que o povo sentia, o

que cantava, o que lhe dizia, o que lhe inspirava. Daí as **Len-
das e Canções** que fizeram de Juvenal Galeno o patriarca da
musa popular e regionalista, como o chamou Antônio Sales.

7 — Traduzindo a vida íntima do sertanejo, Juvenal Ga-
leno escreveu **O Pobre Feliz**, que não inveja a ninguém, em-
bora lhe falte o dinheiro.

Sôbre a cópia popular

Cajueiro pequenino
Carregadinho de flor,
Eu também sou pequenino
Carregadinho de amor.

desenvolvem-se nove estrofes que parecem a continuação da
cantiga, com inspiração mais elevada, mas não menos sin-
gela, como observou Teófilo Braga.

A primeira delas diz assim:

Cajueiro pequenino
Carregadinho de flor,
À sombra das tuas fôlhas
Venho cantar meu amor,
Acompanhado sòmente
Da brisa pelo rumor,
Cajueiro pequenino
Carregadinho de flor.

Alude em seguida o bardo, em quadras do mesmo gênero
e toada, ao nascimento e crescimento do cajueiro e à ausên-
cia do cantor que, sendo obrigado a partir, chorando lhe bei-
jou as fôlhas.

Na última oitava o regresso:

Agora volto e te encontro
Carregadinho de flor!
Mas ainda tão pequeno,
Com muito mato ao redor...

Coitadinho não creceste,
Por falta do meu amor,
Cajueiro pequenino,
Carregadinho de flor.

Outra canção denominada **Chiquinha** é, pela naturalidade, pela simplicidade e pela delicadeza, uma genuína jóia literária. Nesta canção conta o poeta as gradações e negações promissoras do amor de uma sertaneja encontrada pelo namorado quando ela trazia do rio o seu pote d'água.

Encontrei-a no caminho
Do rio para o seu lar
Trazia seu pote d'água
Ao ver-me pôs a corar.

Solicito o namorado propôs-se ajudá-la:

— Chiquinha, dá-me êste pote,
Quero agora te ajudar...
— Tenha modo... vá-se embora,
Deixe o pote... deixe estar...

Agora os gestos reveladores:

Sorrindo com singeleza
A vista logo baixou:
Fazendo que não me via,
Bem perto de mim passou...

Aos movimentos de ajuda pressurosa, Chiquinha sempre respondia:

Tenha modo... vá-se embora,
Deixe o pote... deixe estar...

Mas a um pedido mais apaixonado, já foi outra a resposta:

— Chiquinha! tornei-lhe instante,
Por vida de nosso amor!
— Olhe a gente... tenho medo
Dêste mundo falador!

A resposta animou o namorado que tentou tomar-lhe o pote:

Procurei tomar-lhe o pote...
Ela sorrindo correu:
Quando atrás dela eu corria
Sua mãe apareceu.

Como a velha não fizesse objeção, seguiu-se o desenlace:

— Chiquinha, dá-me êste pote,
Quero agora te ajudar...
— Sorrindo, disse corando,
Tome o pote... deixe estar!

Em **O Sambista** são expressivos os versos que o poeta lhe põe na boca:

Quando pisei neste mundo,
Foi de viola na mão,
Tocando o meu choradinho,
Dançando numa função.

Dançando numa função...
Me peguem senão desmaio;
Dêem-me da branca um copinho,
Qu'eu quando bebo não caio.

Na sua convivência com os pescadores, Juvenal Galeno ouviu dêles a primeira quadra de **A Jangada** e, repetindo os dois primeiros versos, fez uma sextilha:

Minha jangada de vela,
Que ventos queres levar?
Tu queres vento de terra,
Ou queres vento do mar?

Minha jangada de vela,
Que ventos queres levar?

Compôs mais sete sextilhas, reiterando sempre o mesmo estribilho. A nona canta a falsidade das verdes ondas dos mares cearenses, mesmo nas proximidades da praia:

Ai, vamos, que as verdes ondas,
Fagueiras a te embalar,
São falsas nestas alturas,
Quais lá na beira do mar

Minha jangada de vela,
É tempo de repousar!

Em a **Visão do Mar** um jangadeiro previne:

Ninguém no mundo duvide
Das visões que tem o mar

E conta que, botando o anzol para pescar, viu um peixinho se chegar, tocar na jangada e voltar ligeiro:

Pareceu-me uma tainha,
Tão pequeno êle era então
Depois veio mais crescido,
Imitando o tubarão;

Ele vinha, êle voltava,
A jangada se ligava
Crescendo na dimensão.

Outra oitava descreve o pavor do jangadeiro, tão grande
que para reforçar o vento se pôs a soprar na vela:

Frio suor me banhava,
Tinha os cabelos no ar;
Qu'era o demo ou algum feitiço
Não podia duvidar;
Por isso vim-me largando,
Até na vela assoprando
Para mais depressa andar.

8 — Em *O Vaqueiro* Juvenal Galeno descreve-o com expressões tão exatas que me parece estar a vê-lo nos dias da minha infância, no âmagô do sertão cearense.

De véstia e perneiras, chapéu guarda-peito,
De peles curtidas
.....
..... montando o ginete.
.....
..... que sente as esporas,
E assopra e se escancha nos rastos da rês.

Como esta frase sertaneja traduz a velocidade do campeador no encalço da rês perseguida!

Em outra estância da mesma canção encontramos êste quadro desenhado com as tintas fortes da hipérbole:

Que louca vertigem! Por entre mil trôncos,
Fugindo aos embates... irado a gritar...
O galho do mato de um pulo salvando...
Caindo na sela sem nunca parar!

Noutra canção **O Bargado** — um boi famanaz e destabocado, o qual nunca teve vaqueiro que lhe chegasse o ferrão — encontra-se a mesma hipérbole expressa mais incisivamente, visando o cabra curiboca, de nariz achamurrado, que foi chamado de Pajeú, para dar volta ao Bargado:

“Topando um pau derrubado
Junto à beira de um riacho,
O cabra passou por cima
Correndo o cavalo em baixo.”

Espíritos exatos vêm nisso uma deformação da realidade: efetivamente assim é, mas essa deformação roça pela verossimilhança, porquanto, como viu Euclides da Cunha, o vaqueiro, na corrida desabalada, faz prodígios de ligeireza e elasticidade: aqui curva-se agilíssimo sob uma galhada, que quase lhe roça pela sela; além, para fugir ao embate de um tronco percebido no último instante, desmonta de repente, como um acrobata agarrado às crinas do animal e galga, logo depois, num pulo, o selim. Tudo isso é conforme a regra: **por onde passa o boi passa o vaqueiro com o seu cavalo.**

Ademais, as deformações da realidade têm progênie antiquíssima e, autorizam-se com Homero, no século IX a. C. No canto X da Iliada (v. 457) conta Homero o golpe de espada vibrado por Diomedes no espião troiano Dólón, cuja cabeça foi decepada com tamanha rapidez que já estava no chão e ainda falava. Mais um exemplo insigne, entre outros: Camões (III. 103), falando dos povos da África que o rei de Marrocos conduzia para vir possuir a nobre Espanha, diz:

Trazem ferocidade e furor tanto
Que a vivos mêdo e a mortos faz espanto.

Aliás, a hipérbole é também um método de persuadir. São palavras do Pe. Vieira (**Serm. IV**, 1865, 20, págs. 202-203):

“O fim por que a hipérbole se estende tanto fora dos

mesmos limites do que pretende persuadir, e porque quer chegar a verdade por meio da mentira e diz mais do que a cousa é, para que se venha a crer o que é.”

Entretanto Juvenal não deformou, apenas reproduzia o que ouviu e corresponde a tendência natural do espírito popular sertanejo para a exageração desmarcada. Conforme observou muito bem Euclides da Cunha, o cabra destabocado do Norte, ao relatar o incidente costumeiro da dispersão de uma ponta de gado na caatinga, brada estrepitosamente que o **boiadao estourou num despotismo ribombando no mundo.**

9 — Juvenal Galeno compôs **O Bargado** aproveitando de várias lendas sobre o assunto o que lhe pareceu melhor.

Numa delas o Bargado aparece com outro nome: **Rabicho da Geralda**, que era a dona dêle:

Eu fui o liso Rabicho,
Boi de fama conhecido,
Nunca houve neste mundo
Outro boi tão destemido.

É, pois, uma prosopopéia em que o cantor é o espectro do próprio boi, do herói mitológico que a lenda supõe erradio pelas várzeas onde outrora campeou livre e indomável.

José de Alencar, de quem são estas palavras e que inclui a rapsódia sertaneja em **O Novo Cancioneiro**, publicado no “O Globo”, em 1874, observa que aí está o toque da magnanimidade dos rústicos vates do sertão; Homero engrandece os guerreiros troianos para realçar o valor dos gregos; os nossos rapsodos, imitando sem o saberem, o criador da epopéia, exaltam o homem para glorificar o animal.

Realmente, para vencer os troianos, foi necessário o cavalo de Tróia, com a perfídia e a mendácia de Sinon; para vencer o **Rabicho da Geralda** foi preciso um flagelo da natureza e o maior que assola salteadamente o sertão: a sêca.

O Rabicho da Geralda ou **Bargado**, tanguido pela sêde, na sêca, que na canção de Juvenal foi a de 1825, entrou numa

gangorra, onde existia uma cacimba, para dessedentar-se. Saciou a sede, mas perdeu a vida, pois, quando quis sair, estava fechada a porteira da gangorra, onde foi morto a tiros de bacamarte.

Entre as variantes da lenda sobre o boi que nenhum vaqueiro pôde vencer, Juvenal Galeno preferiu a que menos se afasta da verossimilhança.

Exalça o animal como uma força da natureza, somente vencível por outra força maior, mas não chega à apoteose do animal, como no **Rabicho da Geralda**.

Não seria possível, nos limites desta despretensiosa conferência, comentar tôdas as poesias populares e regionalistas de Juvenal Galeno. Desejo, apenas chamar a atenção para mais uma delas, **O meu roçado**, em que êle descreve com singeleza, propriedade e realismo a maneira como o sertanejo abre um roçado; a broca do mato fino com a foice, a derruba dos troncos grossos com o machado, o aceiro, o encoivramento, a queima, o cercado, a sementeira e crescimento dos legumes, a limpa, o milho apendoando, a mandioca escurecendo, o arroz cacheando, o jerimum e o feijão verde, a apanha, o angu, o beiju feito no caco com dois paus de mandioca; em suma, numa palavra, a fartura: tudo isso consequência de um taco de chão plantado! Esta canção é um hino ao trabalho e à agricultura, base da riqueza das nações.

10 — Alguém já irrogou falta de originalidade às canções de Juvenal Galeno. Êle mesmo declara que desenvolveu os temas de algumas cópias populares; de outras êle aproveitou o que lhe pareceu aproveitável; não teve, pois, a preocupação de originalidade, mas a de fidelidade aos sentimentos do povo, expresso em suas próprias canções ou nas que êle mesmo compôs.

No dizer de Teófilo Braga, a **Adozindo** de Garrett é talvez o mais belo florão do seu diadema poético. Entretanto, é a **Adozinda** uma canção original? O próprio Garrett informa que é em substância uma antiquíssima xácara lusitana intitulada **Silvaninha**: o poeta português mudou-lhe o título e

chamou-lhe Adozinda, porque lhe pareceu soar melhor, e ser português mais antigo; o fundo da história e as circunstâncias do seu desfecho foram conservadas: apenas o ornato, o mecanismo maravilhoso é outro, mais acomodado ao gênero e a índole do assunto.

Walter Scott foi sem questão nem disputa (asserto de Garrett) quem fez popular e geral na Europa a restauração da poesia dos trovadores e menestrelis. E ninguém jamais o censurou por não serem originais as suas **Canções da Fronteira Escocesa**.

Poetas máximos nem sempre foram originais. Virgílio imitou Homero e Camões, em vários tópicos dos **Lusíadas**, imitou Virgílio. Cito apenas um exemplo. No famoso episódio de Inês de Castro, a sua atitude angustiada é assim descrita por Camões, III, 125:

“Para o céu cristalino alevantando
Com lágrimas os olhos piedosos,
Os olhos, porque as mãos lhe estava atendo
Um dos duros ministros rigorosos.”

Com palavras quase idênticas havia Virgílio descrito na Eneida (II, 405-406) a atitude de Cassandra capturada pelos troianos. Ei-las na tradução de Odorico Mendes:

Debalde ao céu levando ardentes olhos,
Olhos que as tenras mãos atadas tinha.

11 — Por outro lado, se increpou também a Juvenal Galeno haver alterado, retocado ou ampliado canções que ouviu na boca do povo. A increpação teria cabimento se Juvenal Galeno se propusesse, como um folclorista, à feição de Leonardo Mota, reproduzir exatamente trovas populares. Juvenal sempre seguiu outra orientação. O que êle visou em suas canções foi pintar, em linguagem simples e acessível, os hábitos, usos, costumes, abusões, superstições, tristezas, ale-

grias, emoções e sentimentos populares. Nas trovas que êle utilizou, fêz cortes e recortes para expungir-lhes as inovações; outras amplificou e outras ainda êle compôs, cantando o que ouviu e observou, timbrando sempre em falar a linguagem simples do povo. Êle próprio assim retratou-se:

Não sou o condor dos Andes
A revoar arrojado,
Nem águia que faz seu ninho
Sôbre o cimo alcantilado,
Nem gênio que sobe às nuvens
Para cantar inspirado.

.....
Mas sou o bardo das selvas,
Que canto junto à viola
Cantigas que o povo alegre
E muitas vêzes consola.

12 — Juvenal Galeno não poetou sòmente em verso; à semelhança de José de Alencar, também poetou em prosa, como o atestam as **Cenas Populares**, publicadas em 1872. A respeito delas disse José de Alencar:

“Livro tão original ainda não se escreveu entre nós; e o Ceará deve lisonjear-se de ter quem lhe dê na literatura pátria um lugar que não têm outras províncias mais ricas e adiantadas em progresso material.”

As **Cenas Populares** são uma coleção de contos, cujo primeiro, **Os Pescadores**, inclui uma lenda ou balada, **Amor Fatal**, ouvida de um rapazinho que na praia trançava cordas de embiratanha para as jangadas. A balada conta os amôres de

Maria, a filha das ondas,
Manuel, filho do mar,

.....
Mas um dia o moço amante
Chega à praia demudado,
Sem Maria procurar.

Maria queixa-se:

Não foste assim para as ondas...
Quem te fez assim voltar?
Manuel, tenho ciúmes
Lá dos abismos do mar!

O caso é que Manuel vira no oceano um rosto de fada que tudo lhe prometeu e lhe deu sete dias para que êle voltasse. Êle voltou e Maria sentou-se na praia a chorar debalde.

Veio um dia e depois outro,
Como as ondas vêm do mar...
E não vê a vela amada
Sempre o horizonte a fitar.

Em Noite de Núpcias encontra-se êste painel cujo realismo sentirá muito bem quem já percorreu as dunas de areia da praia cearense:

"Atravessei um grande morro de mais de meia légua de largura e com um grito de assombro parei ante o mar, ante o maravilhoso quadro que se descortinava a meus olhos.

As vagas quebravam-se raivosas nas rochas brancas e furadas do cêrro, invadindo os antros e uivando como onça surpreendida na fuma. O vento zunia com fôrça, puxando-me os cabelos e a roupa, arrancando-me o chapéu: e a seu impulso passava a areia, desfaziam-se aqui os morros e formavam-se além."

13 — Mas Juvenal Galeno não é apenas poeta popular e regionalista: a sua musa — disse-o Clóvis Beviláqua — não prendeu as asas nos vínculos de estreito bairrismo; nas cordas da sua lira também vibra o patriotismo. Mais ainda: também se alçou à crítica sociológica.

Dêste último gênero é a poesia de As Formas de Govêrno, incluída nas Lendas e Canções Populares.

Logo após a independência
De minha pátria-nação
Sôbre as formas de govêrno
Versou forte discussão:
Um queria monarquia,
Sujeita à constituição,
Outro — um rei absoluto,
E outro mais resolutivo
Pedia a federação.

.....
Agora a crítica irônica:

Assim, pois, com tôda a calma
Após muito meditar
Vejamos qual dos governos
É o mais fácil de aturar:
A república?... Excelente!
Só ela vem-nos salvar!
Mas... se o chefe ou presidente,
Como o Lopes, é ingente
No despotismo sem par?

Então, então

Já não sou republicano...
Já mudei de opinião!

O govêrno absoluto,
O rei não sendo cruel,
Sendo das letras esteio,
Do povo amigo fiel...
Êste sim, é excelente!
Mas, se como a cascavel,
Mal se torna e desumano
E também fero tirano,
Ódio todo... e todo fel?

Então, então

Eu não quero tal governo,
Já mudei de opinião!

Monarquia qual nós temos,
Com boa legislação...
Isto sim, é excelente!
Mas se reina a corrupção?
Se os nossos representantes
Se vendem como em leilão?
Se as nossas leis não vigoram
Se a morte todos deploram
De nossa Constituição?...

Então, então

Eu não quero tal governo,
Já mudei de opinião!

Observa o sociólogo:

Nenhum governo me serve,
Tenha o nome que tiver,
Se entre o povo, com desvêlo,
Educação não houver;

Se imperar o patronato,
Se a corrupção se exercer;
Se não houver liberdade
E também moralidade
Nas figuras do poder!

Em conclusão:

Eu quisera ler nos fatos
A nossa Constituição.

O Voto Livre é uma sátira à opressão do governo nas eleições e à fraude das atas falsas, praga resistente e tenaz que sobreviveu quarenta anos à queda da monarquia.

E foi o filho do povo
Às urnas para votar.
Mas aí, não pôde... que a força
Fê-lo o pleito abandonar.
Lembrou então seus direitos...
Não pôde o pobre falar!

Vedava a porta do templo
O soldado do poder...
E dentro o bando corrupto
A sua farsa a escrever!
Em nome de todo o povo
Torpe eleição a fazer!

E Rosa chorava

Enquanto o marido
Das urnas voltava.

Voltava... mas algemado,
Pois lá ousara clamar
Defendendo seus direitos...
E pretendendo votar!
Voltara para a cadeia...
Para ver-se processar!

14 — Em 1891 publicou Juvenal Galeno Folhetins de Silvanos, em que vibrou o látego ou manejou o estilete da ironia, castigando as hipocrisias sociais:

Escolho apenas uma poesia, O Bom Tom, hoje desatualizadíssima:

Noutras eras a dona, sendo honrada,

Era séria na rua...

Morreria, chorando de vergonha,
Se lhe vissem, meu Deus, a perna nua!

Mas hoje a saia ajeita e... mostra a perna...

E ri-se em alto som...

Os olhos requebrando para os homens...
Seja moça, casada ou seja velha...
São cousas... do bom tom!

Juvenal Galeno deixou ainda 92 sonetos inéditos, escritos em 1907, além de uma poesia notável — *A Casa Grande*, publicada em 1905, na "Revista do Ceará" (n. 2, de 20 ag.), na qual êle expõe a doutrina espírita da reencarnação:

Diversos sonetos tornam ao mesmo assunto. Outros farpeiam incisivamente, como êste endereçado por um poeta incompreendido à sua amada:

SE...

Se não sonhas comigo divagando,
Gratas cenas d'outrora repetindo,
Se, acordada depois do sonho findo,
Não ficas a cismar em mim pensando;

Se não choras porque vivo penando,
Nos abrolhos dos zelos me ferindo,
Se não achas meu livro terno e lindo,
Se não sentes prazer o folheando...

No seio um coração não tens decerto,
Uma alma angelical que jamais pena,
Nem olhos para ver de longe ou perto.

E qual a flor de pano que não seca,
Ou miragem do mar ou do deserto,
Tu não passas então de uma boneca.

Outro sonêto expressivo — **O Dizimeiro**, que o pescador encontra na praia, ao encostar a jangada onde traz o pescado. Ele vinha alegre, mas entristece de repente. Cito apenas os tercetos:

E com visos no rosto seu trigueiro
De quem pisa nas farpas de uma arraia,
Não responde às perguntas do peixeiro.

E por que de furor quase desmaia?
É porque viu o maldito dizimeiro,
Com cara de carrasco, em pé, na praia...

Os demais sonetos são também ouro de bom quilate: são escritos naquela linguagem singela e natural que constitui o encanto da musa de Juvenal Galeno, quer cante a vida do povo na praia, na montanha e no sertão, quer se eleve à crítica política, à exaltação patriótica ou aos páramos da filosofia que abraçou.

As poesias do vate cearense denunciam uma fina e artística sensibilidade que soube plasmar em versos primorosos os seus próprios anseios e os anseios do povo em que viveu.